



SEXO SEGURO ENTRE VULVAS: O QUE TEM PRA HOJE?

Juliana de Farias Mello e Lima¹, Talita Mara Maia Tavares²

¹Professora, Cientista Social (UERJ), Mestra em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ), Doutora em Sociologia (PPGSA/UFRJ), Pós-Doutoranda em Estudos de Gênero (PAGU/Unicamp), Campinas – SP. E-mail: farias.ju@gmail.com; ²Psicóloga, Especialista em Droga Dependência: Implementação de Políticas, Tratamento e Prevenção (UNIfoa), Especialista em Gênero e Sexualidade (IMS/UERJ), Especialista em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade (ENSP/FIOCRUZ), Resende- RJ. E-mail: talitammtavares@gmail.com

Resumo: Trata-se de Resumo Expandido do Projeto de Pesquisa apresentado a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) como pré-requisito para obtenção de título de especialista em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade e teve como objetivo identificar as informações disponíveis em Português falado no Brasil na Internet acerca do sexo seguro entre vulvas, mapeando quem ou quais esferas produziram tais materiais e apontando quais das informações contemplam para além de mulheres cisgênero outras pessoas com vulva. Para tanto, o percurso analítico proposto utilizou critérios como, fácil acesso na web, linguagem acessível, atualização e lista de referências sugeridas. Nota-se a marginalização da mulher, da vulva e da homossexualidade, que faz com que até o próprio capitalismo sabidamente implacável ignore tais demandas levantadas.

Palavras-chave: Sexo Seguro, Vulva, Vulvas, IST.

Introdução

- Sexo Seguro entre Vulvas: O que tem pra hoje?
- Hoje só tem “camisinha”^a pra você cortar ou plástico filme, desse que a gente compra no mercado, pra você ficar segurando um pedaço na boca ou na “xoxota”^b. Você também pode se enrolar nele! Luva e *dental dam*^c hoje não tem. Qual você prefere?
- Nenhum!

Esse pequeno diálogo é embasado em relatos fáceis de serem acessados no universo que envolve a prática do sexo entre pessoas com vulva que desejam exercer o direito de protegerem sua saúde contra Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Dessa forma, nos questionamos sobre o reconhecimento da vulva como um órgão ligado ao feminino e sendo assim, marginalizado e repleto de adjetivos negativos que permeiam o imaginário social

desde a figura Bíblica de Eva, passando pelas “Bruxas” da inquisição e ainda perceptíveis nos dias atuais.

A obra “Calibã e a Bruxa”, tem como objetivo refletir sobre as conexões entre o surgimento do capitalismo e a guerra contra as mulheres define que as “Bruxas” eram as mulheres hereges, curandeiras, subversivas que não tinham medo de incitar uma rebelião. A autora questiona sobre o que explicaria a execução de milhares dessas mulheres no começo da Era Moderna¹.

Ainda hoje notamos tal guerra onde o próprio capitalismo ignora demandas levantadas por pessoas com vulva no que se refere a prática sexual entre as mesmas. As práticas sexuais consideradas homossexuais, ou seja, entre genitálias pares, alimenta a necessidade da construção de um segredo². Segredo este tão essencial para a manutenção da docilização e do controle dos corpos que escapa até ao capitalismo implacável.

Tais imposições de gênero justificam o porquê de existirem no mercado apenas dois tipos de

^a “Camisinha” é um termo utilizado para se referir a preservativo, geralmente o externo, também conhecido pelo termo em desuso “preservativo masculino”. O motivo do desuso do termo é o fato de todas as pessoas independente do gênero poderem utilizar de maneiras para além a qual ele foi inicialmente projetado

^b “Xoxota” é um dos muitos termos utilizados para se referir a vagina.

^c “Dental Dam” é uma barreira de látex utilizado em procedimentos dentários.



preservativos, o interno (conhecido como “feminino”) e o externo (conhecido como “masculino”). Ambos foram projetados para a prática da penetração, desconsiderando outras possíveis práticas exercidas entre pessoas com vulva levando em conta que ambos precisam ser adaptados por quem os utiliza. Cabe ressaltar que IST não é só HIV e que tais infecções também são possíveis no sexo entre vulvas.

Sendo assim, nossas problematizações partem justamente do trabalho que constatou que pouco se falava sobre lésbicas dentro do Movimento Social Organizado e do Poder Público no Estado do Rio de Janeiro², em pesquisa etnográfica sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre, identificou que embora a questão da saúde, especificamente, não tenha sido o problema sobre o qual se dedicou, a temática do sexo seguro surgiu como uma instigante provocação³.

O próprio movimento feminista se deixa intimidar pela mensagem social que exige dele silenciar, invisibilizar e postergar o lesbianismo para ser minimamente respeitado. Nesse sentido torna-se imperioso pensar a quem poderia interessar tal questão². Cabe ressaltar que apesar de citarmos questões do movimento feminista, tivemos o cuidado de considerarmos que a Vulva não contempla apenas mulheres cis.

Estudos⁴, nos auxiliam no processo de desconstruir a vulva como um órgão unicamente ligado ao gênero feminino, o que nos possibilita incluir outras pessoas com vulva como homens trans e transmasculinos em nossas inquietações e lançar a

possibilidade estratégica de desconectar a vulva do feminino e conseqüentemente de uma prática sexual que visa apenas a reprodução para talvez torná-la mais atrativa do ponto de vista mercadológico, o que motivaria a produção de um produto específico.

Material e Método

Seguindo as orientações⁵, o delineamento da pesquisa foi além de exploratório devido à pouca produção sobre o tema, bibliográfico e documental visto que partimos do tema “sexo seguro entre vulvas” e do problema “o que tem pra hoje?”, ou seja, o que existia (ou existe) de resposta para tal questão.

No que tange à coleta de dados, optamos pela Internet como campo de busca tanto para mapeamento de materiais que versassem diretamente com pessoas com vulva, quanto para possíveis materiais que demonstrassem fluxos, protocolos e sobretudo orientação à profissionais da saúde. Organizamos as buscas por sites específicos, com palavras-chave pré definidas que foram utilizadas em todos eles.

Os primeiros foram os de busca Google, Google Acadêmico. SCIELO E SCOPUS, seguidos pelos de organizações ligadas a saúde e direitos humanos (Ministério da Saúde, Ministério dos Direitos Humanos e Organização das Nações Unidas).

Resultados e Discussão

Nossa expectativa de encontrar um material que abordasse o sexo seguro entre vulvas independente do gênero não foi correspondida. No entanto, foi possível encontrar materiais voltados para gestores e profissionais da saúde, para homens trans e



transmasculinos e para mulheres lésbicas e bissexuais.

Analisando os materiais selecionados notamos que temos a Cartilha de Saúde LGBTI+: Políticas, Instituições e Saúde em Tempos de COVID-19 (UNAIDS) como um material que pode ser considerado de referência para profissionais e gestores uma vez que incentiva a pesquisa e indica tais caminhos para aprofundamento.

A Cartilha Saúde do Homem Trans e Pessoas Transmasculinas (Rede Trans) também se configurou em nossa análise como um material de referência não só para o seu público alvo, mas também para profissionais e gestores, apesar dos pontos sensíveis que abordaremos a seguir no intuito de fazer uma provocação trazida por nós acerca das consequências e dos impactos da relação que nossa sociedade estabeleceu com as vulvas.

Já a Cartilha Velcro Seguro - O Guia de Saúde Sexual para Mulheres Lésbicas e Bissexuais com Vulva (@VLKRR) de maneira rápida, com material atraente e eficiente pode ser considerado o material mais adequado no que tange a fácil comunicação com o público amplo.

Do ponto de vista da produção, apesar do envolvimento governamental tanto na Cartilha de Saúde LGBTI+: Políticas, Instituições e Saúde em Tempos de COVID-19 quanto na Cartilha Saúde do Homem Trans e Pessoas Transmasculinas, a TODXS, a Rede Trans e o IBRAT, assim como outras organizações não governamentais se destacam.

A Cartilha Saúde do Homem Trans e Pessoas Transmasculinas, por exemplo, não consta no site do Ministério da Saúde apesar de seu envolvimento.

A Cartilha Velcro Seguro é produto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de uma universidade pública. Tal material, que se destacou neste projeto de maneira geral como o mais efetivo para o público amplo apesar de ter público alvo limitado, foi iniciativa de uma mulher, lésbica, estudante, militante.

Um ponto que nos chamou atenção foi o latente posicionamento na Cartilha Saúde do Homem Trans e Pessoas Transmasculinas de que o sexo praticado por eles se resume basicamente à eles penetrando com uma prótese ou sendo penetrados por um pênis ou uma prótese.

Tal constatação nos demonstrou o quanto a associação da vulva, mesmo a masculina, com a penetração, é arraigada e expressa de maneira quase inconsciente.

Garantias não existem de que uma pessoa com vulva que se identifique como um homem trans ou transmasculino, ao praticar sexo sem prótese, colocando sua vulva ao encontro de outra, terá conforto em acessar um material voltado para mulheres lésbicas e bissexuais, e não há como o questionarmos mediante a imagem que foi construída socialmente sobre pessoas que fazem sexo entre genitálias pares, nesse caso a vulva, além da errônea possível associação desses homens trans ou transmasculinos com lésbicas, o que os fere em sua identidade.



Considerações Finais

O exercício de uma prática sexual para além da reprodução e da penetração de um pênis em uma vagina, entendendo a importância desta quando assim se deseja, como uma manifestação da própria saúde, sem riscos do ponto de vista físico, mental e moral, configura-se como um direito humano.

Podemos considerar violação dos direitos humanos que em um país que é referência em cuidados a pessoas vivendo com HIV no mundo, a resposta acerca do tema sexo seguro entre vulvas seja: “Você acredita que exista alguma sapata que faça?”³.

No que diz respeito a marginalização da homossexualidade de maneira geral, que é o que a sociedade entende quando se fala em sexo com genitálias pares, da mulher, do feminino, da vulva e a influência dessas questões inclusive no capitalismo e no potencial de mutação de todas essas categorias social e historicamente construídas fazem com que precisemos enquanto sociedade iniciar um processo de pensar em vulvas, em pessoas com vulva, e não

necessariamente em mulheres, mulheres lésbicas, homens trans, transmasculinos e afins, como talvez a única maneira possível de se colocar a vulva no mapa e no topo das discussões sobre sexo seguro.

Referências

1. Federicci S. Calibã e a Bruxa - mulheres, corpo e acumulação primitiva, Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo. Editora Elefante. 2017.
2. Almeida G. Da invisibilidade à vulnerabilidade: percursos do “corpo lésbico” na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e Aids. Universidade do Estado do Rio de Janeiro Instituto de Medicina Social. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. 2005.
3. Meinerz NE. Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre. 1ª Edição. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2011.
4. Haraway D. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In De Hollanda, Heloisa Buarque. Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo. 2019.
5. Gil AC. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5ª Edição. São Paulo. Atlas. 1999.